



## **DISCUTINDO AS PRÁTICAS POLÍCIAS DO PROGRAMA RONDA DO QUARTEIRÃO- UMA APROXIMAÇÃO SOCIOLÓGICA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA EM JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Wendell de Freitas Barbosa

Urca – Universidade Regional do Cariri

[Wendellgun@hotmail.com](mailto:Wendellgun@hotmail.com) / [yvendell@gmail.com](mailto:yvendell@gmail.com)

Dr. Antônio dos Santos Pinheiro

URCA- Universidade Regional do Cariri

[Antoniopinheiro923@hotmail.com](mailto:Antoniopinheiro923@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Com a então chegada da “Polícia da Boa Vizinhança<sup>1</sup>” em Juazeiro do Norte - CE em meados de 2008 se alardeavam diferentes expectativas de uma “nova polícia”, que iria resolver os problemas da segurança pública do Ceará e resgatar a imagem da instituição policial<sup>2</sup>. Circulavam diferentes notícias vindas da capital: redução dos índices de violência, modernas viaturas, novas estratégias de policiamento, capacitação dos policiais e uma farda azul. Não demoraram a aparecer problemas com policiais do programa, em diferentes ordens, (despreparo, truculência, namoro nas viaturas etc.) que manchavam o chamado “resgate” da imagem da Polícia no Ceará.

O objetivo desse trabalho não é fazer uma compreensão demasiada histórica, nem de pontuar as diferentes mudanças na segurança pública no Estado. O que dá um contorno especial a este trabalho é o fato desta pesquisa ter se realizado em uma cidade no interior do Ceará, ao passo que a maioria da produção a respeito de práticas policiais, se dá em grandes capitais brasileiras.

Longe de dar a conotação especial e espacial do que Waiselfisz (2007) aponta como a interiorização da violência. Pretendemos aqui expor resultados sem

---

<sup>1</sup> Slogan do programa de policiamento Ronda do Quarteirão.

<sup>2</sup> Barreira(2006) em seu artigo em nome da lei e da ordem levanta uma série de problemas que ilustram como a instituição policial do ceará foi atingida em seus dos principais eixos a moralização e da modernização.



conclusões *a priori*. A partir de possíveis *imagens* que ilustrem o que pudemos perceber em campo ao longo de 1 ano de pesquisa.

No entanto, em absoluto estamos desconsiderando contribuições anteriores, das quais foram fundamentais as leituras dos trabalhos de Freitas, Mello & Almeida (2009), Pinheiro(2008) Pinheiro(1982), Barreira(2008), Bayle & Skolnick (2002), Muniz(1999), Barros (2007) entre outros acabaram por fomentar em vários aspectos a nossa discussão na compreensão do campo em questão

Aqui buscamos pontuar *tópicos problemáticos*, ou eixos problematizadores, que dialogam com diferentes trabalhos a cerca de polícia, e se distancia do discurso oficial ou institucional. Entendendo aqui o oficial, enquanto diferentes representações das posições do estado e dos juristas, dos militantes pelos direitos humanos, ou dos sindicatos policiais.

Nesse trabalho pelo contrário, problematizamos essa situação de acordo com relações estabelecidas em campo, e várias circunstâncias que nos muniram de dados para discutir o “problema” da incorporação de diferentes discursos institucionais, mais especificamente o discurso da instituição policial entre outras questões.

## **2. COMO FOI ESSA PESQUISA? A TRAJETÓRIA DE CAMPO E O PERCURSO METODOLÓGICO**

A princípio, adotamos uma metodologia que cerceava nossa pesquisa em entrevistas e conversas com moradores(adultos e adolescentes)em dois bairros que fazem a linha dicotômica de predominância de camadas sociais mais ricas e mais pobres, bem como através de contato e entrevistas semi-estruturada com lideranças comunitárias e policiais, mas a pesquisa na verdade foi bem maior do que isso. Acabamos por visitar os CCDS(Conselhos Comunitários de Defesa Social) Localizados em diferentes bairros.

Considerando a importância de estabelecer pessoas chaves que possam guiar o campo, construímos relações de diversas formas. Conhecemos os respectivos Capitão e Tenente, responsáveis pelo comando do Ronda do Quarteirão da Célula Sul(Que abrange Juazeiro do Norte e diversas outras cidades da Região), sendo estes muito



receptivos e sentindo-se vaidosos pela existência de uma pesquisa sobre o programa se comprometendo a nos dar o suporte para as entrevistas com policiais e realizações de visitas comunitárias nas viaturas em áreas operacionais.

Tivemos a preocupação de entrar em contato com a metodologia de trabalhos similares realizados recentemente; foi o caso do trabalho intitulado: “Organizações Policiais em Revista” em autoria conjunta de Freitas, Mello & Almeida (2009) sobre as polícias no Ceará e em Alagoas. Que forneceram recursos aumentando o leque de possibilidades para realizar a pesquisa.

Além disso, optamos como passos consoante, aos adotados pelo Professor-Orientador em seu trabalho de doutorado, o contato com diferentes segmentos sociais, a exemplo dos CCDS e com Policiais do Ronda do Quarteirão, registrados através de diários de campos, bem como a realização de entrevistas semi-estruturadas gravadas bem como a vivência parcial do cotidiano dos policiais e dos moradores.

Destacamos também, que buscamos estar atentos para, ações policiais, e no trânsito das viaturas do Ronda do Quarteirão, enquanto parte do cotidiano dos sujeitos pesquisadores. Ao passo que, montávamos um dossiê, arquivando notícias veiculadas em diferentes mídias (jornais, vídeos, áudios, etc.) relacionadas ao mesmo. Bem como sintonizando, ou os relatos de amigos e transeuntes relacionadas ao programa de policiamento pesquisado.

Na medida em que construímos as relações nos conselhos comunitários e associações de bairro, notamos que as lideranças gostam de ser cortejadas e fazem questão de ressaltar seus feitos ou sua trajetória no bairro, sentindo-se vaidosos de alguém (um estudante universitário) se interessar pelo seu trabalho.

Durante a visita as lideranças a frente dos CCDS eram expressos, sob a desconfiança inicial seguida por uma “quebra de gelo” para trazer a tona determinadas situações no bairro, problemas como violências, drogas, pobreza, etc, e neste jogo, se desdobravam as interações do bairro com a polícia. Abordando essas relações a partir de uma curiosidade autêntica que envaidecia os interlocutores.

Nessa situação, entender determinadas relações sociais presentes nesse campo, passa por um certo “jogo de cintura”, e isto constitui-se a partir de uma rede de relações tangíveis que possibilitam o acesso aos casos, histórias, memórias ou mesmo



vivências de operações policiais ou de denúncias nos cotidianos nos bairros, a partir das informações dos policiais e moradores.

Um dado curioso é que, as entrevistas, muitas vezes, não revelam determinadas confissões. A presença do gravador, cria uma barreira de restrição para o entrevistado, que se mostra intimidado e nervoso, ou mesmo temeroso quanto aos fins das entrevistas (mesmo com todo o esclarecimento e a conversa antes da entrevista partindo de três princípios: o sigilo e liberdade do entrevistado assim como a clareza das perguntas). Por outro lado, diálogos em tons informais são levados de maneira bastante fluida e sem restrições, sendo este, um dos caminhos mais oportunos para construir um banco de dados através de diários de campo.

As lideranças comunitárias (em geral antigos moradores do bairro) têm causas e bandeiras na luta por melhorias no bairro, no caso dos CCDS os quais foram criados em 1996<sup>3</sup>. As lideranças são conhecidas e desenvolvem seu trabalho em diferentes períodos, sendo algumas mais antigas atuando desde a primeira década do ano 2000.

Muitas vezes ser tratado ou imaginado como um espião ou policial surgiu enquanto dificuldade até se encontrar um lugar como pesquisador, como Cientista Social, que se situa em determinadas realidades e tenta se posicionar de perto e(ou) de dentro em determinados contextos sociais.

Através do contato com os responsáveis pelo programa Ronda do Quarteirão, acordamos a realização de rondas nas viaturas. A primeira visita foi na companhia do orientador numa localidade chamada “baixa da raposa”, no bairro Frei Damião, um espaço considerado um dos mais “perigosos”, situado na região periférica na cidade de Juazeiro do Norte, onde entrei em contato com diversos moradores e policiais.

Logo na chegada ao bairro, um senhor alcoolizado saltou a frente da viatura e afirmou “estar faltando água”, retrucando, os policiais disseram que não podiam resolver a situação, e isto repercutiu em várias conversas durante a “visita” questões

---

<sup>3</sup> O CCDS (Conselho comunitário de defesa social é um órgão criado através da secretaria de segurança pública e defesa social do Estado do Ceará no ano de 1996 sob o discurso de trazer segmentos da sociedade civil para promover a co-produção de segurança pública. Uma das principais mudanças no cenário da segurança pública do estado.



sobre o bairro, o trabalho policial, as dificuldades, as situações entre outros imponderáveis. Com tudo que foi ouvido falado e observado pelos interlocutores e com os interlocutores (policiais moradores e transeuntes) assim como eu e meu orientador montamos um rico diário de campo.

Através das reuniões no 2ª CIA BPM (Segunda Companhia de Batalhão de Polícia Militar) que ocorriam mensalmente, onde se faziam presentes todas as lideranças, e nas visitas aos bairros por efeito “bola de neve”, fui pouco a pouco sendo conhecido, tendo acesso a inúmeros relatos de diferentes personalidades de lideranças.

Sugerimos que, relações estabelecidas entre policiais e lideranças comunitárias ocorrem mediante uma “confusão de papéis”<sup>4</sup>. Isto pode ser ilustrado bem em falas de lideranças que relatavam ter “estourado bocas de fumo”; ou de ter prendido bandidos nas reuniões ocorridas no batalhão e nos bairro bem como em conversas informais.

Uma observação pertinente diz respeito a como as lideranças se constituíram como o passar do tempo, enquanto denunciante e extensões dos ouvidos e olhos dos policiais nos bairros, o que se aproxima um pouco da experiência de Policiamento Comunitário nos EUA (BAYLE, 2010). Estes moradores do bairro constituem-se enquanto uma rede de informantes que denunciam diferentes problemas de segurança: residências de bandidos, bocas de fumo, locais de uso de drogas, espaços onde ocorriam mais assaltos, lugares sem iluminação ou o vizinho que escutava som alto<sup>5</sup>.

Nesse sentido foram construídos vários espaços de um mesmo campo, o que estavam em jogo para a pesquisa eram as relações estabelecidas entre policiais e moradores. A forma como atingíamos essas relações se davam de inúmeras formas, o que mais ocorria era o contato pessoal com as lideranças em suas residências e sedes, através de uma conversa informal que era sempre bastante proveitosa.

Outras formas eram as entrevistas com as lideranças, conversas informais com moradores, conversas com policiais, entrevistas com policiais, rondas com

---

<sup>4</sup> Fenômeno similar foi apontado pelos trabalhos de Pinheiro(2008) em sua tese.

<sup>5</sup> Aqui percebemos uma complicação entre os problemas do bairro e o problema das lideranças.



policiais, as reuniões de associação de moradores, ou de CCDS, eventos organizados pelo mesmo, as reuniões mensais no 2ºBPM, entre outras situações cotidianas.

Buscamos então tecer uma rede que desse sentido a todos esses dados colhidos, vividos e produzidos a partir da experiência do pesquisador. Dessa teia lançou-se bases para novas pesquisas e para elementos que precisam ser mais bem observados, devido ao fato de sempre se entrar em campo, sempre se tem novidades.

### **3. UMA BREVE DESCRIÇÃO DO PROGRAMA DE POLICIAMENTO RONDA DO QUARTEIRÃO EM JUAZEIRO DO NORTE – CE**

Traçando uma ponte no tempo, passamos por todo o histórico da política de segurança pública do estado, as crises na Polícia Militar, escândalos da antiga secretária de segurança pública, envolvendo corrupção dos policiais, uso excessivo da força, e práticas de tortura Barreira (2006). Esses fatos desencadearam um anseio popular por mudanças no campo da Segurança Pública, por parte do estado, podemos aqui referendar: como meias mudanças nesse cenário: substituição da Secretária de Segurança Pública e Defesa Social; Criação dos Distritos modelos; Criação Corregedoria Integrada das Polícias; Formação dos Policiais vinculadas a UECE; Criação dos Conselhos Comunitários de Defesa Social.

Este quadro aqui referendado de certa forma de forma bruta, sintetiza a política de segurança pública, do estado do Ceará até a primeira metade da década de dois mil, quando como carro chefe e do programa da política de segurança pública do Governador Cid Gomes, teve como corolário o programa de policiamento “Ronda do Quarteirão”.

Houve um grande investimento a partir de 2006, na compra de viaturas modernas equipadas com GPS, e comunicação direta com a CIOPS (Coordenadoria Integrada de Operações Policiais). Grosso modo o programa ronda do quarteirão é um policiamento baseado na vigilância, como controle das Práticas Policiais. Com policiais equipados com armamentos de ponta, e vigiados por câmeras internas externas nas viaturas. Assim como constituído por policiais dotados de um treinamento que investe



em técnicas de resolução de conflitos e uma direção para pensar a democracia os direitos humanos junto às práticas policiais.

Essa vigilância foi sendo expandida através de câmeras internas e externas conectadas ao Batalhão de Policiamento Comunitário em Fortaleza isto se deve a insurgência de alguns problemas com policiais<sup>6</sup> nas viaturas, e formou um cerco para vigiar o quanto fosse possível o que acontecia dentro e fora das viaturas.

Ao discutir as políticas públicas de segurança no Brasil Barros(2004, p. 80) Sustenta: “Quando o estado não disponibiliza uma arma(instrumento de trabalho) confiável para cada policial que está exposto a situações de risco ele acaba fomentando uma atividade ilícita que lhe cabia combater[...]” Sem distorcer a citação aqui mencionada pensando a arma como toda a trajetória de um policial (perpassando a formação, a responsabilidade, o treinamento, técnicas de abordagem de ação e comunicação etc.). Problematizamos essa compreensão de *risco* a partir de condições mais amplas, sob as quais nos debruçaremos mais adiante.

O programa ronda do quartirão em Juazeiro do Norte funciona através de áreas operacionais, cada área possui uma numeração, e abrange cerca de três bairros, sendo realizado o policiamento ostensivo durante três turnos com equipes diferentes mais relativamente fixas<sup>7</sup> que atuam nos bairros.

Essa polícia tem duas características inter-seccionadas, que mudaram em parte o cotidiano das denúncias, o sentimento de segurança. Bem como a prevenção a crimes. A *presença* da polícia, e a *facilidade para realizar denúncias*. A presença refere-se ao fato de que cada viatura tem uma área delimitada na qual durante o dia ela só pode fazer intervalo de no máximo 15 minutos durante o dia. E no período noturno até 40 minutos.

A possibilidade de denúncia remete-se a várias situações, a “Polícia da Boa Vizinhaça”, pouco a pouco foi ganhando contornos de ser bem mais ativada que a

---

<sup>6</sup> Diversas denúncias relatadas pelo Diário do Nordeste (online) e o Povo (online), na capital e no interior, relatavam problemas com policiais destacando principalmente: práticas de atos libidinosos de policiais com mulheres em viaturas; truculência e violência policial fizeram com que o arrocho na vigilância fosse ainda mais elevado com acompanhamento 24 horas dentro e fora das viaturas através de câmeras.

<sup>7</sup> Comumente as mudanças de áreas ou de turnos ou até de cidades, são promovidas a partir de relações problemáticas ou de risco entre o policial e o bairro, mas há uma tendência a os mesmos policiais permanecerem desde a primeira turma formada em juazeiro do Norte até o período de realização da pesquisa em uma mesma área operacional.



Polícia Militar tradicional da cidade, isto no cenário urbano, as denúncias podem ser feitas pelo telefone da viatura, em contato direto com os policiais na viatura, ou mesmo pelo 190.

Isto refletiu em várias situações, que antes não eram denunciadas a polícia e passaram a ser (um exemplo disso eram as chamadas Brigas de vizinho) Segundo os dados Policiais do Ronda isso elevou o número de apreensões de armas brancas e de fogo e evitou homicídios ou outras formas de conflito e violência.

Por outro lado isto repercutiu de outra forma, os policiais que pouco a pouco foram conhecendo a realidade dos bairros foram identificando e prendendo traficantes, assaltantes e diferentes delinquentes. Essa foi uma situação ocorrida no Bairro Frei Damião, que criou através de redes de relações desses indivíduos presos, um forte estigma contra os policiais, difamação e ameaças contra os mesmos.

Os direitos humanos a partir de conversas com policiais se desdobram de diferentes formas. Diversos relatos sobre a questão nos forneceram a constatação de que os direitos humanos não eram tão consensuais no discurso e na prática, e havia uma dissonância entre o discurso oficial de uma nova polícia e os relatos e diálogos em conversas informais com policiais do programa. Nessa direção o discurso de que os “direitos humanos protegem os bandidos” é de fato muito repetido em diferentes circunstâncias principalmente quando se conquista uma confiança e passamos a ser os porta-vozes dos nossos sujeitos<sup>8</sup>.

### 3.1 “Nova Polícia” e Velhos Problemas

Essa polícia que construiu sua prática no dia-a-dia dos bairros, e com o tempo conheceram e distinguiram um *corpo delinquente*, assim como áreas mais perigosas e mais pacificadas. Construíram redes de informantes nos bairros, distinguindo, *moradores de bandidos*. E pautaram sua autoridade cada vez mais enquanto uma polícia ostensiva e repressiva. Em operações de apreensões de armas de drogas, de equipamentos relacionados ao tráfico de drogas e de armas.

---

<sup>8</sup> Barreira(2008) chama a atenção para o fato de que muitas vezes durante a realização de pesquisas pode haver uma identificação entre sujeitos pesquisadores e sujeitos pesquisados.



As observações e reflexões dos diários de campo nos levaram a pensar mudanças, e diferenciações, como forma de corresponder determinadas expectativas de autoridade. Nesse sentido discordamos de Arendt (2010) ao confrontar a sua distinção entre violência e política, ou de outra forma a possível separação entre política (legitimidade) – relacionada à Autoridade ao passo que a violência (implementos) – Relaciona-se ao Vigor.

De acordo com as entrevistas e conversas informais com moradores do Bairro Frei Damião, sugerimos que há uma expectativa do uso da força em atendimento a ocorrências por policiais, por parte dos denunciante. E quando essas expectativas não são correspondidas, fundam-se rumores a cerca de que “Os policiais do Ronda São Fracos”. Remetendo a uma lógica da legitimação da força empregada na resolução de conflitos questionando a posição da autoridade, enquanto a “mão armada do estado”.

Nesse quadro sugerimos que a “Polícia da Boa Vizinhança” caminhou na direção de uma polícia preocupada em mostrar serviço (apreensão de armas, apreensão de drogas, mapeamento e estouro de boca-de-fumo etc.)

Esta situação pode ser expressa pontualmente termos usado por parte dos moradores de bairros mais periféricos e estigmatizados como pobres e violentos (os casos do Bairro Triângulo, João Cabral e Frei Damião), que atribuíram aos policiais o título de fracos ou mesmo conotações ainda mais pejorativas.

Esta mesma inferência também pôde ser confrontada com relatos informais de policiais, havia um “disse me disse” de que a polícia da boa vizinhança “não podia prender” no sentido repressivo do termo, o que acabou por tornar os trabalhos dos policiais como de pouca credibilidade e autoridade. Alvo de falta de respeito e obediência por parte dos denunciados em ocorrências.

Essas situações são ilustradas em falas como: “se a gente chegar educado eles tomam a arma e atiram na gente”; “o policial não pode ser bonzinho” ou ainda, “a população pra respeitar a polícia precisa ter medo”. Relatadas em diferentes circunstâncias por diferentes interlocutores policiais no <<campo>>.

O que estamos aqui nos reportando remete-se a dois momentos que se construíram durante a implantação do Ronda, a 1º diz respeito à novidade de uma polícia mais presente junto a diferentes contextos e diferentes bairros. O 2º momento



diz respeito ao que pode se chamar de *aproximação seletiva*<sup>9</sup> a partir de dois segmentos que não estavam separados e construíram-se em relação e interação: os moradores do bairro e os Policiais do Bairro.

Estas aproximações refletem de diferentes maneiras em bairros mais estigmatizados como pobres e violentos, estavam postos as representações da violência ou das formas de violações das leis e conflitos sociais nas periferias. Que mais tarde culminaram em representações a partir de um imaginário cinematográfico, que formularam a alcunha a alguns trechos dos bairros. O caso da “Faixa de Gaza”, e da “Cidade de Deus”, denominações atribuídas a localidades específicas de dois diferentes bairros na Cidade nos bairros Santa Tereza e São José.

Na direção da discussão fundamentada por Foucault (1979) nas relações de saber e poder, a produção de discursos e dos corpos. Sugerimos a construção de um *saber policial* a partir não só de dados quantitativos (referentes ao índice de violência nos bairros), mas, no que diz respeito à experiência policial nas interações com os moradores do bairro e vice-versa. Essas relações construíram diferentes formas de atuar em diferentes bairros.

De outra forma podemos pensar como as relações entre policiais e moradores se desenharam de maneira diferente em diferentes bairros. Sem engessar em conceitos, vimos que em bairros onde houveram um número elevado de prisões de traficantes, assaltantes e diferentes delinquentes, construiu-se um sentimento negativo relacionado à Ronda do Quarteirão por parte de amigos, familiares que tinham ligação direta com os indivíduos presos pelos policiais, os que os policiais chamam de “corrente do mal”.

Acrescentamos aqui o sentimento hostilidade contra a repressão devido à condição de vulnerabilidade social, associado ao estigma da pobreza e da violência. Como condição para torná-los alvos de ações policiais. Para ilustrar melhor isso pontuamos aqui a realidade que se repete em um determinado “trecho” da cidade localizado no Bairro Santa Tereza, alcunhado de “faixa de gaza”. Pois bem lá as

---

<sup>9</sup> Essa constatação assemelha-se com aos resultados do trabalho de Oliveira 2007, em sua discussão sobre *instituições coercitivas seletivas* presente no trabalho intitulado *Polícia e Direitos Humanos no Brasil*.



viaturas da Ronda do Quarteirão são apedrejadas pelos moradores (principalmente entre crianças e adolescentes) que se rebelam contra esta condição.

Estas circunstâncias inferiram mudanças nas próprias operações no local, visto que havia um prejuízo por parte do programa no concerto dos carros, todas as vezes que se empreendia uma operação. Isto resulta um distanciamento mediado pela “presença”, apesar da polícia estar presente nas localidades, ela nem sempre constrói uma relação de proximidade.

Entendemos que apenas a presença não constrói a proximidade, bem como não parece ser suficiente para prevenção de crimes, em determinadas especificidades como foram os casos do Bairro Triângulo, Frei Damião e Santa Tereza. Há um distanciamento do morador do bairro de uma “HI-LUX de ar-condicionado que passa correndo por aqui”(Relato de Adolescente do Bairro Frei Damião no dia 19/09/2010).

A idéia de Muniz(1999) de que códigos e leis não alteram diretamente as práticas policiais, nos trazem uma discussão pontual, que leva em conta não mudanças de ciclos históricos, mais uma idéia de gerúndio das práticas policiais. Dito de outra forma há exatamente uma tendência de moldar-se a contextos, identificar estereótipos, pensar os atalhos da profissão do policial a partir de seu cotidiano. Isto é ainda mais potencializado se pensarmos que o mesmo policial opera numa área desde o início de sua carreira como no caso do programa em questão.

#### **4. SE ARRISCANDO CORRENDO E ENTENDENDO OS RISCOS, PENSANDO AS DENÚNCIAS E AS PRÁTICAS POLICIAIS**

Quando Pinheiro (1982) discute a crise da polícia brasileira ele se remete a duas categorias relacionadas e relacionáveis. A idéia de *manutenção da ordem* como repressão a *classes perigosas* em sua reflexão sobre o período de ditadura militar. Sob outros panos de fundo Bayle & Skolnick(2002) pensa a manutenção da ordem como “a supressão da desordem ou do comportamento incivilizado de indivíduos em lugares públicos”(p.28)

Essas posições sugerem algumas perguntas de partida o que é incivilizado e como isso se aproxima o se distancia do que é perigoso? até que ponto, o perigo ou o



risco, cria critérios, para classificar situações de diferente relevância. Para os policiais ou para os moradores?

A discussão da categoria *risco tem* que ser feita com muita cautela e com os devidos cuidados epistemológicos. No entanto, a partir da minha trajetória de campo fui percebendo determinados nuances os quais explorarei aqui de forma sistemática e menos extensiva.

Os dos primeiros pontos que quero abordar remetem- a dois personagens que compõe e expressam o cenário que construí: os Policiais e as Lideranças Comunitárias. Como mencionei anteriormente, as lideranças comunitárias muitas vezes agem enquanto deladoras de bocas de fumo. A todo tempo presenciamos relatos e situações que conferiam diferentes conotações a práticas ilícitas presenciadas por moradores de diferentes bairros.

É importante frisar a fala da liderança do bairro aeroporto “se eu for ligar pro ronda a gente sabe que os vagabundos podem estar de olho” (Diário de Campo do dia 25/03/2011) essa fala. Se expressa factualmente nas visitas aos bairros, as lideranças são tidas como “X9”, “cabuetas” ou mesmo de “polícia”.

O que fomenta em certa medida a construção de uma categoria de delator, relacionada às práticas ligadas ao tráfico de drogas e a violência, sob as quais não tenho elementos suficientes para lançar as bases. No entanto, essa situação ilustra o que aqui pretendemos discutir.

De um mesmo lado, os policiais pontuaram uma série de considerações sobre seus *riscos*, quando estão trabalhando ou quando estão de folga. Ao freqüentarem diariamente as localidades durante um longo tempo, os policiais tornam-se rostos conhecidos, tanto para uma possível aproximação quanto para formas de ameaça diversas ao cumprir o seu papel enquanto policiais. Um episódio que ilustra em boa medida essa compreensão foi que, Após a morte de um dos policiais do ronda, um cartaz, passou a circular no Bairro Santa Tereza com a foto de um outro, junto a uma ameaça “esse é o próximo”(Diário de Campo do 15/12/2010).

Isto não infere apenas reflexões sobre circunstâncias separadas entre policiais e moradores. Estivemos em contatos com casos de policiais que atuaram nos bairros em que residiam, ou nos quais residiam seus parentes e amigos. Bem como



casos em que no começo da aproximação nos bairros, os policiais se aproximaram inicialmente de traficantes e delinquentes de outras ordens sem perceber.

A isto se soma algumas possibilidades que o campo nos inspirou, essas relações de *risco*, operam em vários sentidos, na construção de situações *mais relevantes* e *menos relevantes* para as intervenções policiais ou de denúncia. Dito de outra maneira, as práticas policiais são seletivas num sentido mais amplo do que o que expressa Oliveira (2007). Ao adentrar no cotidiano das denúncias do bairro, alguns indivíduos passam a ser “figurinhas carimbadas” já foram presos e soltos (isto se representa principalmente na figura dos menores e de drogados que após a estada na delegacia não foram indiciados como traficantes). E quando são reincidentes os policiais sustentam que “a gente perde é tempo, a gente leva ele pra delegacia, ele é dispensado e nós que ficamos lá dando depoimento perdendo nosso tempo” (Diário de campo 15/12/2010)

Um exemplo bastante claro dessa relação de impunidade e não proximidade está expresso num processo que consta na Delegacia Regional do Cariri “Os Menores Infratores quando apreendidos por policiais da ronda, “durante a ida para a delegacia zombaram dos policiais, afirmando saber que iam ser liberados e iam assim voltar a delinquir e que estavam gostando de passear de HI-LUX.” (Termo de Depoimento, Procedimento Especial Contra Adolescente N° 153/2010)

A lógica da “a policia prende e a justiça solta” não soa diferente da lógica “a gente prende e perdemos nosso tempo”. Ao mesmo tempo que a dimensão da impunidade regula essa *seleção* (ou seja do que é ou não feito por um policial em seu cotidiano de trabalho) existem também outros elementos presentes nessa relação para ajudar a pensar essa *categoria*, pontuamos aqui: as relações pessoais, situações diversas de corrupção, sensação de impotência diante da realidade etc.). Esta tese pode ser aprofundada de melhor maneira na continuação da pesquisa para trabalhar melhor estas hipóteses, sem no entanto, transformá-la em um direcionamento sempre caminhando na vigilância epistemológica Bourdieu (2005) desnaturalizando os fatos sociais Durkheim (2001).



## 5. ENCERRANDO, CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.

Pretendemos ao logo desse trabalho, expor alguns eixos problematizadores dos resultados dessa pesquisa, abarcamos muito mais situações do que estas sob as quais nos debruçamos ao longo do trabalho. Neste sentido creio que uma das contribuições dessa pesquisa seja pensar as práticas policiais a partir de uma proximidade metodológica relevante, visto como foi o nosso percurso metodológico.

Consideramos também a dificuldade da não maturação dos dados, que vem com o tempo, visto que a pesquisa agora está sendo aprofundada num trabalho monográfico e se reconverterá provavelmente em um projeto de mestrado discutindo as denúncias e as práticas policiais.

Destacamos aqui também que foi um recurso determinante a confecção dos diários de campo, enumerando todas as situações presenciais vividas em campo, composto também por reflexões acerca das mesmas, constituindo um material bastante denso. Destacamos também um feito durante a pesquisa: O de construir e acionar redes sociais que conforme conduzimos nossa trajetória em campo, customizaram uma metodologia bastante maleável. Para entrar, e entrar novamente em campo.

Podemos perceber que assim como as leis não mudam o contexto da segurança pública num passe de mágica, as práticas policiais, em específico da polícia militar e do Ronda do Quarteirão, não fogem a esta constatação. Não há uma mudança do dia para noite investindo-se apenas na infra-estrutura e nas “armas” num sentido mais amplo para os policiais. A modernização e a moralização da polícia no ceará não passa apenas pela ótica da vigilância, das práticas policiais, mas na forma como ela se constrói a partir das relações cotidianas de trabalho.

Não se pode pensar num nível de cima para baixo de mudanças, há de se reconhecer também que existem situações que somente o policial conhece, em seu cotidiano. Estas configurações formam uma espécie de *hábitos flexíveis* que tendem a ser dinâmicos ou mais engessados de acordo com sua construção, continuidade ou mudança.



No entanto, em absoluto conferimos que a vigilância não repercute nas práticas policiais, mas sustentamos que estas constituem apenas um nível da compreensão. Como essa vigilância se opera na prática de acordo com outras camadas de situações, é que é o cerne da questão para pensar esses sujeitos tal qual o fizemos e percebemos em todo o percurso da pesquisa.

Para refletir e construir uma teia de sentidos a partir dos nossos resultados é fundamental e oportuna a tarefa de traçar uma trajetória no campo, para exatamente pensar como estamos inseridos na construção dos resultados. Esta foi uma tarefa muito significativa para elevar o nível de maturidade, de um trabalho realizado a um nível de graduação.

Visamos aqui deixar tópicos problemáticos para trabalhos futuros ou presentes, tentamos pontuar essas situações numa ordem mais ou menos organizada para estabelecer possíveis pontes e conexões entre elas, que não estão aqui engessadas. Tendo em vista a nossa experiência, construímos elementos para discutir, proximidade, rivalidade, representações da polícia e dos bairros, problematizar a manutenção da ordem, pensar os riscos entre outras questões que podem ser encontradas durante o texto. E é nesse sentido que deixamos em aberto a possibilidade para avanços ou mesmo para rever algumas posições das quais aqui tratamos. De acordo com a continuidade da pesquisa, ou a contribuição de outros trabalhos.



## Referências

ARENDDT, Hanna. **Sobre a Violência**. Tradução André de Macedo Duarte. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BARREIRA, Cesar. **Cotidiano Despedaçado** – Cenas de uma violência difusa. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará/ Funcap/CNPq-Pronex; Campinas, SP: Pontes Editores, 2008

BARROS, Marcelo. Políticas Públicas de Segurança no Brasil: Mito ou Realidade? In: Ratton, J. L. e Barros, M.(Org) — **Polícia, Democracia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Lúmens Júris, 2007

BAYLE, David. H. & SKOLNICK, Jerome. **Policiamento comunitário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, n. 06, 1999.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.

FOUCAULT, Michel. 1979. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

FREITAS, G. J. MELLO, P. D. A. & ALMEIDA, R. O. **Organizações Policiais em Revista**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará/ Funcap/CNPq-Pronex; Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

GUEDES, J.F.F. **Implantação do Policiamento Comunitário na cidade de Juazeiro do Norte através do programa “ Ronda do Quarteirão”**: Possibilidade para redução dos Índices de Violência. Monografia, UNISUL, 2009.

MUNIZ, Jaqueline A Crise de Identidade das Polícias Militares Brasileiras: Dilemas e Paradoxos da Formação Educacional. **Security and Defense Studies Review** Vol. 1 2001 - 177- 198

OLIVEIRA, Adriano. Polícia e Direitos Humanos no Brasil. In: Ratton, J. L. e Barros, M.(Org) — **Polícia, Democracia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Lúmens Júris, 2007



PINHEIRO, A. S. **Polícia Comunitária e Cidadã** – Entre Velhas e Novas Práticas Policiais. Tese de Doutorado, UFC, 2007.

PINHEIRO, P. S.. Polícia e crise política: o caso das polícias militares. In: PAOLI, Maria Célia et al. **A violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 57-91.

XAVIER, A. R. **Segurança Pública: do projeto —Ceara seguro (1999- 2002)|| ao projeto —Ceara segurança publica moderna (2003-2006)||** ‘ Dissertação de Mestrado , UECE, 2008

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência: os municípios brasileiros** Brasília: OEI, 2007